

### Inscrição ibérica de «Corte do Freixo» (Almodovar)

O ilustre Arqueólogo e bom Amigo, Tenente-Coronel Afonso do Paço, em colaboração com Fernando Nunes Ribeiro e Gonçalo Lyster Franco — seus parceiros nas pesquisas arqueológicas — apresentou na «revista» *Zephyros* — «Crónica do Seminário de Arqueologia e da secção Arqueológica do Centro de Estudos Salamantinos» da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Salamanca (1) uma notícia acerca duma inscrição ibérica aparecida na «Corte do Freixo», em Almodovar, no ocidente peninsular, portanto, ou, mais estritamente, em Portugal.

Tal notícia, sendo preciosa pela quantidade de pormenores em que se desentranha, vem, por sua vez, acrescentar ao conhecimento geral uma unidade mais ao número das já existentes que, segundo o rol apresentado pelo conhecido Arqueólogo Dr. Leonel Ribeiro, é de 36 (2).

Como a notícia, embora meticulosa se restringe apenas ao achamento com as suas vicissitudes e às particularidades da estela que não está completa, tomo a liberdade de apender-lhe estas notas para uma interpretação dos caracteres remanescentes.

Antes, porém, seja-me permitido transcrever a primeira notícia do achado redigida pelo médico local, o sr. Dr. José da Silva Cristina, para o «Diário do Alentejo» que a publicou a 25 de Junho, suponho que de 1964:

«Ourique: — Numa propriedade da freguesia de S. Barnabé, denominada Corte do Freixo, quando um tractor lavrava uma várzea, pôs a descoberto várias pedras duas das quais com inscrições. É de presumir que se trate de caracteres do alfabeto grego. Talvez seja interessante estudar o caso pois é de admitir que no local em questão existam outros restos arqueológicos [...]»

Desta concisa notícia há que destacar a sugestão do distinto clínico ao qual eu dedico estas notas.

(1) É sobre a «Separata», datada de Salamanca, ano de 1965, que se bordam estas notas.

(2) Este distinto Arqueólogo tem dedicado à história dos Algarismos uma grande parte do seu precioso labor. Vd. *História das Letras e dos Algarismos*, Lisboa, 1959 por Leonel Ribeiro.

É de notar a sua intuição natural sem influências pragmáticas que o inibiriam ou então o levariam ao celta com a máxima comodidade.



Fig. 1 — Lápide ibérica da Corte do Freixo

Ora os caracteres tanto podem ser gregos como ibéricos (fig. 1), todavia, a inversão deste enunciado teria a mesma lógica. A representação dos diferentes caracteres helénicos antes da adopção dos jónicos na reforma euclidiana do séc. V a. C. não teriam influência ibérica?...

Eu não vi a estela. Reproduzo-a, porém, conforme está figurada na notícia de *Zephyros*.

Na gravura adivinham-se vestígios de caracteres nos extremos da fractura que eu não sei se é antiga ou recente. Têm a aparência illusória duns pontos que, todavia, não podem ser assim considerados atendendo a que a sucessão retrógrada dos caracteres é contínua, sem soluções de continuidade que dariam o isolamento de palavras ou de grupos de palavras que tornariam a leitura mais acessível.

Contudo, para clareza da exposição, desdubro a legenda nas suas partes componentes ou seja nas palavras que eu apresento mas agora em sucessão descontínua e da esquerda para a direita, sotapondo-lhe os caracteres jónicos maiúsculos correspondentes:

[...] Η ΗΛΩ ΙΝΑ ΑΡΩ ΙΩΗ ΔΗ ΥΛΑΣΙ  
[.] Η ΗΛΩ ΙΝΑ ΑΡΩ ΙΩΗ ΔΗ ΥΛΑΣΙ

Em caracteres jónicos minúsculos seria:

[...] ἡ ἡλῶ ἶνα ἀρῶ ἰωῆ δῆ ὕλας [ς]

cuja versão seria:

[...] *certamente, neste momento, erravas no lugar onde exaltarei, com a voz, os teus restos mortais.*

A última palavra podia ser o nome próprio Ὑλα (ac.s. Ὑλαν) a que faltaria o N como na interpretação acima lhe falta o Σ. Quanto a mim, porém, a interpretação dada ὕλας (ac.p.) é mais lógica, supponho não haver dúvidas a esse respeito. Quanto à primeira palavra que considere um advérbio pode também ser o final duma palavra.

ROGÉRIO AZEVEDO